

Inflação pesa mais para a população de baixa renda e chega a 1,38% em maio

Pressionada pelos alimentos, que subiram 2,85%, a inflação para a baixa renda passou de 0,97% em abril para 1,38% em maio. No ano, o acumulado chega a 6,84% e, em 12 meses, a 8,24%. Os números são os maiores desde o início da série histórica do IPC-C1 (Índice de Preços ao Consumidor - Classe 1), em 2004. Com o resultado, aumentou a distância entre o índice que mede a inflação para as famílias com renda entre 1 e 2,5 salários mínimos e aqueles mais amplos, que têm como referência o consumo de parcelas maiores da população. E a tendência, segundo a FGV (Fundação

Getúlio Vargas), é que a diferença cresça ainda mais.

"A cesta de consumo dos pobres é muito diferente da do resto da população", afirma o economista Marcelo Nery, da FGV. Segundo ele, a baixa renda é a que mais sente a alta dos preços de produtos da cesta básica, como arroz (15,55%), batata (18,47%) e pão francês (6,60%), que impulsionaram a inflação em maio. "Os pobres comprometem em média 40% de sua renda com a alimentação, e isso é captado pelo IPC-C1", diz Nery. "No IPC-BR, os alimentos têm peso de cerca de 28%", informa, a título de comparação. O IPC-BR

mede a inflação para famílias com renda até 33 salários mínimos -as altas foram de 0,87% em maio e de 5,59% no acumulado em 12 meses, bem menor do que a verificada no índice da baixa renda.

Por causa dessas diferenças, a FGV defende o uso do IPC-C1 para o reajuste do Bolsa Família, em discussão pelo governo. No início da semana, o ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias, disse ser favorável à correção de 6% no benefício, que, segundo ele, seria suficiente para recompor o poder de compra das famílias beneficiadas.